



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 15 de Fevereiro de 1986 \* Ano XLII — N.º 1094 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## AQUI, LISBOA!

«Que é das senhoras? Andam por lá — cansadas! Cansadas e aborrecidas e ocas. Procuram e não encontram!» (Pai Américo)

Referíamos no último número d'O GAIATO a necessidade de operários-sacerdotes dispostos a empenharem-se, sem reservas, no trabalho apaixonante e específico dos «padres da rua», ao serviço dos mais caídos e abandonados. Ganhar a vida perdendo-a à maneira do Evangelho, sem cálculos ou restrições de qualquer espécie, «queimados interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte». Eis o programa da conduta a propor àqueles que quiserem deixar as redes e seguir o convite do Mestre, neste campo imenso de serviço. Que ninguém espere consolações à maneira do Mundo, existência fácil ou refastelada. Antes tenha em conta o que Pai Américo escre-

veu: «Há um trabalho que não cansa: é o que se faz por amor de Deus. Como descansam esses obreiros? Cansando-se mais».

Hoje, de modo particular, desejaríamos abordar a questão da necessidade imperiosa de senhoras, suportes humildes e, por índole, apagados; mas de um valor incomensurável no desenvolvimento de todo o trabalho da Obra da Rua. Sem elas, verdadeiras mães de família, discretas e solícitas, toda a nossa acção seria dificultada ou tornada impossível. Muitas das actuais senhoras, na Obra da Rua, atingiram idades em que as forças já não são as exigíveis ou o contínuo desgaste lhes cerceou as capacidades físicas e anímicas, se bem que a experiência as tivesse largamente enriquecido.

Faz pena ver que haja tantas senhoras «cansadas e aborrecidas», «aborrecidas e ocas», que «procuram e não encontram», como acima citamos. Muitas delas poderiam dar um sentido útil às suas vidas servindo o Próximo, mormente as crianças das nossas Casas, em carinho, afeição e ternura, de que só a sensibilidade feminina é capaz. Precisamos de Mulheres fortes — um misto

de Martas e Marias — que queiram trabalhar nesta aventura divino-humana de entrega aos mais despojados, esquecendo-se de si próprias para melhor amarem os mais pequeninos ou jovens que não conheceram as mães de sangue ou que, por qualquer circunstância, não puderam usufruir dos seus cuidados ou desvelos.

Costumamos dizer aos nossos rapazes que necessitamos de padres e de senhoras para continuar a Obra, pedindo orações por tal intenção. Mais: que peçam sacerdotes e senhoras capazes — com o mínimo de condições humanas e espirituais — mas tendo em vista que não há pessoas perfeitas e que o óptimo é inimigo do bom. Não raro, os que muito falam e opinam nada fazem ou não são capazes de dar um passo em frente, dispostos ao sacrifício e à renúncia, pelo que não se pode contar com eles. Contemos com os pobres para amar os Pobres — e vamos em frente.

Constantemente, por todos os locais mais movimentados, se multiplicam os peditórios a favor das Casas do Gaiato, com exigências, até, do mínimo a receber! Felizmente que

## BARREDO

Barredo é um nome próprio que Pai Américo tornou comum. Aonde a miséria assentou arraiais e quase invoca direitos de senhorio, aí é **barredo**.

Foi por isso que «na hora de começar a reimprimir o Pão dos Pobres», Pai Américo se decidiu por outra coisa: «dar à estampa O Barredo». E em boa hora o fez. E fê-lo «para demonstrar que a vida do Pobre não muda» pela variedade de lugares em que vegeta. «A semelhança dos **barredos** é flagrante, tanto faz Coimbra como Porto ou Lisboa, que são estes os que melhor conhecemos. Um

as pessoas se vão intelrando da falsidade dos objectivos propostos, mau grado as incorrecções havidas por parte dos falsos pedintes. Solicitamos aos nossos Amigos que sejam firmes e continuem a passar a palavra: a Obra do Padre Américo não faz quaisquer peditórios nas ruas ou de porta em porta, nem promove sorteios de qualquer espécie. Obrigado.

Padre Luiz

caso de momento traz-nos imediatamente à memória outros distantes, em tudo iguais. Exemplo: Pareceu-me estar em Coimbra quando, ontem, na Fonte Taurina, entro, de manhã, num cubículo onde três crianças pediam café à mãe. Parecia Coimbra e não era. Estava no Porto. Mas naquela terra, naquele tempo e àquela hora, quantos quadros semelhantes!»

Por isso, para mostrar e demonstrar a identidade do mal no universo onde ele existe, safu **O Barredo** cuja «matéria, sendo uma, não é tratada só por um. Os cronistas do Tojal, de Miranda do Corvo, do Porto e de Paço de Sousa também escrevem e descrevem. Difícil discernir qual e quem, mas isso não importa».

É esta perspectiva universalista a nossa, ao retomar o tema, focado, embora, no Centro Histórico desta cidade «de onde houve nome Portugal». E a intenção é carrear material para essa «página da História» pátria que há-de ser o segundo volume de **O Barredo**, «ocupado com a notícia das novas condições de vida dos **desenterrados**, suas casas plenas de luz, roupa a corar, flores, gosto de agradecer ao Pai Celeste o seu pão e o de seus filhos» — ali onde era antigamente o **cemitério** dos vivos, do qual podia ouvir-se «esta nota dolorosa: A mãe, nova e desgraçada, de um pequenito que cá temos, desmaiava ao ver o seu filho a sorrir. «Eu nunca tinha visto o meu filho rir-se!» — disse-me ela».

O Barredo não esgota todos os **barredos** por esse país além disseminados. Nem é preciso sair do Centro Histórico do Porto. Ali, paredes meias, o Bairro da Sé atinge o zénite da degradação, o risco iminente da ruína irreparável. E Miragaia onde já se acendeu uma luzinha de renovo, é ainda um campo imenso a expurgar de nascenças ruins para que fique só, limpo e fecundo, o que é de ficar. Toda esta área está confiada aos cuidados do Comissariado para a zona ribeirinha, o CRUARB.

Cont. na 3.º pág.

## QUE FAZER?!

— Que fazer? É uma pergunta que, ao longo do dia, se levanta no nosso interior ou no diálogo com as pessoas. Que bom que assim seja! É sinal de que em nós circula também o sangue dos Outros. É sinal de que carregamos também com o fardo da vida dos Outros. É sinal de que não somos insensíveis aos problemas e às alegrias dos que nos cercam. É sinal de que queremos, a sério, ajudar os Outros. É sinal de que estamos vivos, humanamente vivos.

— Que fazer quando temos a nossa Casa do Gaiato cheia de rapazes e vem uma assistente social falar-nos de três casos aflitivos a pedir uma solução imediata? Estão na pré-adolescência. Estão na rampa do crime e talvez os espere a cadeia.

— Que fazer quando outra assistente social toma sobre si as misérias de dois filhos em total abandono e vem metê-los no nosso coração?

Cont. na 4.º pág.



Precisamos de Mulheres fortes, um misto de Martas e Marias, que queiram trabalhar na Obra da Rua, nesta aventura divino-humana de entrega aos mais despojados — esquecendo-se de si próprias para melhor amarem os mais pequeninos que não conheceram as mães de sangue...

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**ESCOLAS** — No primeiro período, os estudantes nocturnos tiveram um bom aproveitamento, pois todos se esforçaram por tirar o máximo partido da oportunidade que nos é concedida. Claro, se algum não aproveitasse estaria a cansar-se inutilmente e a cansar os condutores que fazem tanto sacrifício para podermos estar na Escola a tempo e horas.

Os estudantes diurnos também tiveram um aproveitamento mais ou menos bom. Houve algumas negativas, mas o aproveitamento geral foi satisfatório.

O segundo período já começou e todos se esforçam por conseguir melhores notas.

**FUTEBOL** — Defrontámos, no dia 19 de Janeiro, uma equipa dos arredores do Porto: Rogérito Futebol Clube.

O jogo foi muito disputado, embora tivéssemos sempre comandado as operações. No final o resultado ficou-se em 3-1 a nosso favor.

Mais uma vez fazemos o convite a colectividades desportivas interessadas em nos defrontar. Escrevam para o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

**VISITANTES** — Continuamos a receber muitos visitantes, especialmente aos sábados e domingos.

Nem mesmo o frio e a chuva faz



Outra família cristã gerada sob o bojo da Obra da Rua: O Sampaio e a Alzira — ele dentista, ela cabeleireira — uniram suas vidas, recentemente, no altar da Capela da nossa Aldeia, em Paço de Sousa. Foi um dia de festa comunitária, pois «o casamento é o acto final dos rapazes da nossa Obra».

as pessoas esquecer a nossa Aldeia! Todos os fins-de-semana recebemos Amigos em nossa Aldeia, sempre muito curiosos em relação à nossa vida, à vida da Obra da Rua — que está no coração dos portugueses.

**ESCUTEIROS** — Estamos a formar um grupo de Escuteiros em nossa Aldeia. Por isso, quinzenalmente, vem do Porto um grupo de escutas preparar os nossos rapazes interessados na acção.

No passado dia 25, sábado à noite, reunimos e elegemos os guias e sub-guias, assim como o guarda do material, secretário e tesoureiro.

Este grupo, nascido há pouco tempo, tem falta de mochilas — a necessidade mais urgente.

Se houver algum leitor interessado em colaborar connosco, apresentamos já o nosso agradecimento.

Ludgero Paulo

## Miranda do Corvo

**ELEIÇÕES** — Este ano voltaram a ser no dia da festa da Sagrada Família.

Depois dos mais velhinhos terem uns dias de reflexão, reunimo-nos todos — a partir dos 14 anos, já com o primeiro ano do Ciclo Preparatório — e após algumas palavras do nosso Padre Horácio fizemos a votação.

Logo no primeiro escrutínio saiu eleito o chefe-maioral: Chiquito Zé. O primeiro sub-chefe, Fernando («Patinho»); segundo sub-chefe, o António Henrique («Andorinha»).

O Chiquito-Zé e o «Andorinha» deixaram a sua vida de estudantes para se dedicarem à nossa nova Escola de Artes Gráficas. O «Patinho» é carpinteiro.

Esperamos que cumpram bem os seus deveres e ajudem esta família, a que pertencem, a crescer para bem.

**SERVIÇO MILITAR** — O Adelino, nosso conhecido cronista, foi para a tropa, em Setúbal.

Quando soube que ia para longe, e para uma vida desconhecida, ficou meio aflito e calado. Logo nessa semana veio a nossa Casa — já contente. Afinal, a tropa não é nenhum papão!

Desejamos-lhe felicidades.

**NOVA ESCOLA** — Dona I. V. A. tem sido nossa amiga. Tem sido boa cliente. O trabalho que nos aparece, tem sido quase só movimentado pelo I. V. A.

Esperamos que os nossos Amigos não deixem que as máquinas e as nossas mãos apanhem ferrugem.

Os rapazes da tipografia estão a ficar artistas e alguns têm a mania de meterem as mãos nos bolsos. Não pode ser! Temos de os carregar com trabalhos para que se mexam e sejam homens.

**NEVE** — Que linda está, hoje, a nossa vizinha serra da Lousã! Toda branquinha de neve!

Só se vêem manchas mais carregadas: são as casas e as árvores.

Se não fosse o nosso trabalho, cá em Casa, havíamos de dar uma corrida e brincar com a neve.

Ficamos a vê-la das nossas varandas e os mais pequenos estão maravilhados. Toda a Natureza é uma maravilha!

«Amador»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ A problemática da mãe solteira tem muito interesse! Com a modificação da lei da paternidade — pela qual Pai Américo tanto suspirou — o caminho ficou um pouco mais aliviado: ao menos desapareceu o ferrete de pai incógnito. A criança terá o nome do pai no registo civil — se não houver obstáculos de permeio, já que o mais forte, às vezes, esquiva-se e do outro lado sofrem os dois mais fracos: mãe e filho.

(Que seria de parte do «Lixo das ruas» se não fossem as instituições de solidariedade social — especialmente as da Igreja — que actuam de norte a sul do País?)

Somos abordados por uma mulher jovem. Em pleno calvário não vê outro remédio senão bater à porta da irmã (em terras do Vale do Sousa), a qual sofre as consequências... numa casita erguida com enorme sacrifício — para a família — em regime de Autoconstrução.

— Ela não tinha p'ra onde ir! Bateu-me à porta com a filha nos braços. Q'havíamos de fazer?! É minha irmã...

A força da Família!

Intervém a mãe solteira com um ar de dor cristalizada por tanto sofrer: «Sou (somos) lá de cima...», do Alto Douro. «Nascemos no campo...» Em terras viradas ao sol, batidas do vento; um mundo que seria mais belo..., se não fossem as limitações postas pelos homens! E continua:

— Trabalhava numa quinta e um home abusou de mim. Depois, corremos os papéis..., mas não perfurou a menina. Perdi a cabeça! Fui por aí fora e ajuntei-me a outro home (separado da mulher) que só me dava pancada! Não agantava mais! Peguei na menina, nalgumas das minhas cousas e fugi de Lisboa...

A irmã propõe uma solução: Ampliar a residência da família, no Alto Douro, debruçada sobre o Douro que passa no horizonte a caminho do Porto. A mãe solteira encetaria uma vida nova:

— Sou do campo. Gosto da laboira. Há muito trabalho na minha freguesia. Deixava d'andar os trambolhões... Criava a minha filha. Não preciso mais do que um quatinho, uma salita e uma cozinha. Seria a mulher mais feliz do mundo!

**PARTILHA** — Assinante 20909, de Leça da Palmeira, 8.000\$00. Sobras da assinante 29845, de Lisboa. Idem, da 17812 «com muita alegria e pena de não poder ser mais». A remessa habitual do assinante 11902, do Fundão: «São as primeiras notícias de 1986 — acompanhando a inflação». Ressalta o valor da Caridade cristã!

Em memória duma leitora d'O GAIATO, a assinante 27044 manda um cheque «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa»; e acrescenta: «destinava essa importância à compra de flores que não fizeram falta e sei que, se lhe fosse possível, ela ficaria contente com a alteração». O costume de Vilares (Vila Franca das Naves). Outros 500\$00 duma Natália de Vila Real, em Trás-os-Montes. Um cheque da assinante 22151 que lê «sempre O GAIATO com todo o amor». Assinante 29600, de Tomar, «uma migalhinha por alma dum amigo muito amigo dos Pobres». Como ficará contente no Reino dos Céus! Assinante 10182, de Tortosendo, resto de contas. Assinante 31104, da Capital, é presença regular e muito generosa para os casos apontados nesta coluna. Um vale postal da assinante 6070, de Aldeia das Posses. Um cheque da assinante 32395, sublinhando que «não é preciso acusar recepção». Mais 500\$00, «como é habitual», da assinante 17022, de Santarém. O dobro de Santa Cruz do Douro (Baião). «Assinante de Paço de Arcos»: o vale do correio muito certinho, todos os meses, sempre «com saudações fraternas». A assinante 19362, de Nisa, sendo viúva, manda «uma migalhinha de 3.000\$00

para a viúva mais necessitada». Muito a propósito, chega carta amiga duma responsável do M. E. V.: «Ficamos muito consoladas com a vossa luta a favor das viúvas, luta em que nós também fazemos parte. Temos em preparação uma exposição para o Ministério neste sentido. Quem dera sejam ouvidas!

Mais um cheque da assinante 25637, de Vila Nova de Gaia. A oportuníssima remessa da Rua dos Bombeiros Portugueses — Farco. Presença amiga da assinante 4456, da Covilhã: «É uma gota de água, mas de muitas gotas é feito o mar». Que bem! Agora, da Rua António Carneiro, Porto, 2.000\$00 «para os Pobres com todo o meu amor, carinho e boa vontade». Alma cheia! Ainda do Porto, 1.000\$00 da Rua Luís Woodhouse. Mais 20.000\$00 por intermédio do assinante 21626; 1.000\$00 da assinante 18830, de Lisboa; e cheque do Alto de Santa Catarina para «casos urgentes da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Mais um cheque — «valor da minha primeira reforma» — de Pedras Rubras; e 500\$00 da assinante 27952, de Aveiro.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Lar Operário em Lamego

Sempre ouvi dizer que «quem não aparece, esquece». A vida agitada que somos obrigados a levar, prende a atenção a problemas diversos e a casos e coisas que estão mais perto de cada um. Pensar nos que vivem mais longe e necessitam de nós, só é possível fazê-lo quando se ouvir o gemido das suas dores. Pode ser uma carta, um telefonema, um «apelo urgente», uma notícia, a voz carinhosa e inquietante d'O GAIATO a tocar almas e corações.

Não é verdade que somente se ama o que se conhece? Importa dar a conhecer. Depois só é preciso recordar as normas do Evangelho, o amor que nos liga uns aos outros; encurtar distâncias, aproveitar oportunidades e actuar concretamente abrindo o coração. São estas razões que nos levam, hoje, a dizer aos nossos leitores que uma das principais despesas do Lar de S. Domingos (Lamego) é o calçado para os rapazes. Sapatos, botas, sapatilhas ou sandálias são problema constante. Mal se acaba de atender um, logo outro apresenta o ar «risonho», não dos lábios a mostrar os dentes, mas dos sapatos a deixar ver os dedos dos pés.

A complicar o caso vem a chuva e o frio. Em seguida tudo serve para «desporto»: uma pedra mais redonda um pedaço de pau, um rolo de papel; qualquer objecto no chão desperta a vontade de dar «uns to-

quinhos»... e lá se vai o calçado!

Pouco adiantam as recomendações para não estragar, ou a promessa (que se não pode cumprir) de tão cedo não elesber nada. Vivemos com eles diariamente e não é fácil desviar os nossos olhos do seu vestuário menos cuidado ou a pedir reforma e do calçado que é necessário substituir.

O Natal trouxe algumas recordações que nos ajudaram a pôr em dia as contas da mercearia. Poucos «desvios», porém, foi possível fazer para renovar o «parque» em questão. Já não pensamos em distinguir o calçado da semana, ou do trabalho, do calçado dos dias festivos. Todavia, é necessário contar com a época chuvosa e com os «desastres» que obrigam a possuir uma pequena reserva para remediar acontecimentos imprevistos.

Dizia Pai Américo que «as roupas dos teus filhos ficam sempre bem aos nossos». É exacto. As vezes, com um pequeno arranjo, ou ligeira alteração, as medidas ficam certas.

Quanto ao calçado é muito diferente: se o número não condiz com o tamanho do pé, ou se dificulta o andar do rapaz, ou ao dar os tais «toquinhos» fica o pé e vai o sapato.

Esperamos a vossa resposta amiga, com um antecedido muito obrigado.

Padre Duarte



# FACETAS de uma vida

Envio o apontamento sobre o Padre Américo, que eu recordo com ternura e imensa saudade. Certamente não corresponde ao que gostaríamos de saber, pois para a nossa imaginação infantil tudo era estranho e lendário no Padre Américo, tanto ele se afastava do que nos era habitual e vulgar!

Na verdade, entrámos no Seminário no mesmo ano, 1925, mas eu apenas com 11 anos. Ido de um meio rural, tudo me era diferente. E como a separação entre as prefeituras era absoluta, poucos contactos tive com ele. Na casa que o Seminário possuía em Buarcos, para onde iam no Verão, é que o via mais de perto. Depois que ele se ordenou, em 1929, e nos juntávamos na colónia de férias de Buarcos, ele celebrava muitas vezes para nós e eu gostava imenso das suas homilias. Não sei mesmo o que sentia quando ele falava, pois usava uma linguagem diferente dos outros que ia muito directa ao nosso coração! Vivía intensamente o que dizia e deu-se todo ao

Senhor, depois de vencer lutas interiores bem duras...

• O Seminário de Coimbra é composto de três edifícios: um ao centro, o principal, a que chamávamos Casa Velha; outro à sua direita, a Casa Nova; e o terceiro à sua esquerda, designado por Casa Novíssima. As duas últimas construções foram feitas, salvo erro, por D. Manuel C. Bastos Pina, antecessor de D. Manuel Luís Coelho da Silva, que era o nosso Bispo quando estivemos no Seminário. Era e é, ainda assim, o Seminário de Coimbra quando o Padre Américo e eu lá demos entrada, ele com 38 anos e eu com 11.

Para a Casa Novíssima iam os «bichos», os primeiranistas, que começavam então a sua vida nova no Seminário e dormiam numa grande camarata. A Casa Nova era para os segundanistas.

O Américo, como adulto, foi colocado na prefeitura dos teólogos, julgo que na terceira. Mais tarde passou para a pri-

meira, a qual confinava com a segunda prefeitura, ambas da Casa Velha, para onde iam os terceiranistas. E digo isto, porque me lembro perfeitamente de ouvir dizer, quando lá estive (na segunda), que o Américo tinha ali um quarto voltado para os claustros.

No refeitório ele ocupava a mesa central, juntamente com os teólogos e os finalistas de preparatórios (6.º ano). Era muito alto e sobressaía dos outros todos. Nós, os «bichos», ficávamos na mesa logo à entrada e quando olhávamos para a mesa do centro ficávamos muito admirados por ver ali um aluno muito mais velho e mais alto do que os outros. E perguntávamos:

— Quem é aquele?

— Aquele é o Américo de Aguiar.

E logo os mais bem «informados» diziam que ele tinha estado em Moçambique; que trabalhara lá com ingleses e alemães. Até falava inglês, o que para nós era uma coisa extraordinária, visto nessa altura não se estudar inglês no Seminário. E quando se perguntava como fora parar ao Seminário, apenas se dizia que «era uma vocação tardia».

Diziam também que visitara a Inglaterra e era muito viajado. Tudo isto, para a nossa imaginação infantil e vindos quase todos do meio rural, constituía objecto de curiosidade e causava-nos uma admiração espantada. Era, de facto,

## SETÚBAL

Não é dos nossos princípios, nem está no nosso jeito bater à porta da autoridade pedindo, expondo, louvando para conseguir. Também, neste ponto, pomos a autoridade no seu lugar, exigindo dela, com a nossa atitude, o cumprimento pleno das suas responsabilidades — contestando a acomodação, a incompetência e a busca do próprio interesse.

A forma do nosso viver contesta a irresponsabilidade e exige o máximo de quem dirige.

Habitúamo-nos, mesmo, ao ostracismo, dando-nos por felizes de não sermos descarada e mentirosamente perseguidos. O discurso e a crítica demagógica, o ambiente de intoxicação política e moral é sempre o mesmo. O que interessa é destruir os valores, as pessoas e as instituições tendo como tema a compaixão dos Pobres e Fracos. «É tão fácil criticar quando se tem a barriga cheia!» — dizia, no seu tempo, o Padre Américo. A verdade é que os Pobres são cada vez mais, e menos os que a eles dão a sua vida. Acolhemos os mais desprezados, dando-nos por eles em plena alegria e na liberdade com uma única recompensa — o Reino de Deus na Terra e no Céu.

Espanta-nos a cegueira dos homens que arranjam razões falsas para explicar o nosso empenhamento. Alegam-nos as suas calúnias que são para nós

prova evidente de caminho certo.

Esta reflexão vem, entre outros motivos, a propósito do carinho que a governadora civil de Setúbal pôs na Casa do Gaiato logo a seguir à sua tomada de posse. Desde a revolução nunca nenhuma autoridade próxima se lembrou de nós — como era seu dever. Esta senhora, sensível por vocação e vida aos problemas sociais, deu-me logo de início o subsídio de 300 contos. Não pedimos nada nem sequer a tínhamos cumprimentado pela sua nomeação. Pus-me em contacto com membros do Governo, interessou-se até à medula dos ossos e já por duas vezes veio comer, muito simplesmente, como Amiga, o caldo connosco. Com o seu estímulo, dois secretários de Estado a acompanharam numa visita de trabalho à Casa do Gaiato e conseguimos a promessa de um local para a nossa Casa na praia.

Parece-nos viver em sonho, num mundo de rosto humano. Nós não fazemos política. Fugimos dela como do diabo. Temos mesmo muita sensibilidade a qualquer instrumentalização subtil de que possamos ser utilizados. Mas não podemos calar gestos de tão alta raridade humana, pois é destes gestos que o mundo precisa.

Padre Acílio

## Associação dos Antigos Gaiatos da Região Norte

### ASSEMBLEIA GERAL

Na anterior edição d'O GAIATO não saiu correcta a data da próxima Assembleia Geral da Associação — por nossa culpa.

A reunião será no dia 1 de Março, sábado, às 14 horas, no Lar do Gaiato, à Rua D. João IV, 682 — Porto.

Acentuamos, mais uma vez, o especial interesse da reunião, em que, para além do mais, procederemos à eleição dos novos corpos gerentes da Associação.

Por isso, repetimos, precisamos da comparência do maior número possível de antigos gaiatos domiciliados na Região Norte — mesmo com sacrificio pessoal.

Contamos convosco — para bem da nossa Associação.

Carlos Gonçalves

um caso invulgar e todos o aceitavam como tal. Recordo-me até de dizerem, quando ele estava na primeira prefeitura, que tinha uma máquina de fazer café no quarto! Naquele ambiente de disciplina apertada isto afigurava-se-nos uma coisa nunca vista. Como era possível que um semina-

rista tivesse uma máquina de fazer café no quarto? Ninguém se escandalizava com isso, claro, pois ele era um caso invulgar e todos o aceitavam como tal, mas o facto não deixava de acentuar o ambiente de mistério que o rodeava.

Cont. na 4.ª pág.

## Novos Assinantes de O GAIATO

A procissão d'hoje, para além do mais, incide especialmente no seio da Família — das famílias portuguesas.

Lisboa:

«Gostaria muito de passar a ser assinante «directo» do jornal O GAIATO. Minha mãe, assinante de há muitos anos, sempre nos incitava a lê-lo e através dele aprendemos a conhecer uma Obra que muito admiro.

Uma vez que estou a trabalhar fora de Portugal, mandem-me o jornal para... Londres.»

Assinante 29844:

«Sou tia-avó e madrinha de baptismo de uma menina de 14 anos e penso que a leitura d'O GAIATO lhe fará bem, pois pode melhor compreender os que, às vezes, têm fome e não têm nada para comer...»

Banhos (Anadia):

«Vivo numa aldeia perdida do concelho de Anadia. Gosto de ler O GAIATO, mas nem sempre o encontro porque os vossos pequenos distribuidores não chegam aqui e é raro estar na sede do concelho quando os gaiatos andam por lá a distribuí-lo.

Quero que m'o mandem pelo correio e também para um filho que vive na África do Sul.»

Assinante 24220:

«Minha mãe com a idade de 96 anos lê e relê O GAIATO, muitas vezes através duma lupa, pois a vista vai faltando, mas ainda governa a casa, faz as contas e anota tudo na agenda, na sua letra já muito tremida devido à idade.

Ela tem um afilhado a quem deseja oferecer a assinatura d'O GAIATO... Segue um vale para a assinatura.»

Ficam muitos pendões por revelar!

Antes de passarmos uma vista geral pelo resto da procissão — que é muito grande! — acentuamos a presença do Padre Carlos nas Missas dominicais de Vila da Feira, num dos últimos fins-de-semana, onde motivou 171 novos leitores d'O GAIATO.

Chegaram muitos assinantes da região lisboeta — pela mão do nosso Padre Luiz. Um bom grupo da Cidade Invicta, E, pelo País fora, assinalamos novos assinantes de Coimbra, Rio Tinto, Calendário (Vila Nova de Famalicão), Santo Tinso, Tabuaço, Armamar, Moita, Amadora, Loures, Arganil, S. João das Lampas, Odivelas, Ponte de Lousa (Loures), Gueifães (Maia), Penafiel, Olhão, Ois da Ribeira, Tomar,

Espinho, Paredes, Vila Nova de Gaia, Oliveira do Douro, Vila Cova (Barcelos), Aveiro, Pedreira (Felgueiras), Maia, Samouco (Montijo), Sesimbra, Grijó do Gafanhão, Vila Nova de Famalicão, Brandoa (Amadora), Canidelo (V. N. Gaia), Leiria, Olival Basto, Montijo, S. Mamede de Infesta, Carraceda de Ansiães, Arrentela (Seixal), Vendas Novas, Mira de Aire, Achada (Mafra), Almada, Cova da Piedade, Setúbal, Seixal, Casal Comba (Mealhada), Castelo Branco, Outeiro Pequeno (Vila do Paço), Degraças (Soure), Chaves, Urgezes (Guimarães), Perosinho (V. N. Gaia), Leça da Palmeira, Charneca da Caparica, Jovim (Gondomar), Olhão, Mangualde, Cruz de Pau (Seixal), Viana do Castelo, Monte (Murtosa), Palheira (Coimbra), Cascais, Paço de Sousa, Palmela, Bragança, Recarei, Arvintes (V. N. Gaia), Covilhã, Parede, Castro Verde, Cartaxo, S. Pedro da Cova, Carvalhos (V. N. Gaia), Vila Franca de Xira, Alverca, Sacavém, Santa Iria de Azóia, Vialonga, Santo António dos Cavaleiros, Póvoa de Santo Adrião, Malveira, Mealhada (Loures), Pinheiro de Loures, Bucelas, Benguela (Angola), Londres (Inglaterra) e Toronto (Canadá).

Júlio Mendes

## BARREDO

Cont. da 1.ª pág.

É uma tarefa grande demais para que a possamos ver, talvez, completamente cumprida em nossa vida. Mas o que já está feito, é penhor do que falta fazer; é fundamento da esperança que permitiu a Pai Américo sonhar e antever. E embora no discurso do seu sonho ele conjugasse no condicional, acreditou na realidade da antevisão: «Quem sabe se este meu verbo se não há-de tornar num futuro presente?» Ei-lo começado.

Assim «os homens, cansados de novas e constantes experiências» e «regressados» a este futuro, já presente, não desanimem da irreversibilidade da sua conversão. Que, afinal, também nesta matéria, «regressos» é condição de «progresso social cristão».

Padre Carlos

■ São verdadeiros ultimatoss, os do Júlio Mendes, a edir material para o jornal...! Por mim, fico aflito e dou voltas à cabeça sobre o que vou escrever. Hoje, foi. Vão salvar-me as cartas lindas que recebi, há momentos!

A primeira é do João Manuel, angolano, nosso seminarista a frequentar o 1.º ano de Filosofia no Seminário do Huambo. Foi trabalhador do campo na nossa Casa do Galato de Malanje (Angola). Pediu para fazer a Instrução Primária com os nossos rapazes. Depois, o Ciclo Preparatório. A seguir, quis ir para o Seminário. Hoje, tem desejo de ser Padre da Obra da Rua. Será para todos uma grande alegria se este desejo for realidade. Que o Senhor o ajude.

No fim da carta os pedidos: «Preciso de roupa, roupa de cama, meias e sapatos (40) visto que no Huambo chove muito e os sapatos não demoram nada. E quando manda o gravador que me prometeu?»

Meu Deus!  
«Termino, por aqui, cheio de saudades. Um grande abraço cheio de carinho e amor de seu filho João».

■ A segunda é do Quim, estudante de Filosofia e professor na Madeira onde vive com a esposa. Foi chefe na Casa do Galato de Malanje. Chefe consciente das suas responsabilidades a ponto de ter arriscado a sua vida pela comunidade no tempo da revolução. Mas eis:

«Escrevo hoje porque as saudades borbulham cá dentro e têm que extravasar no papel. Também para lhe comunicar a expectativa que ambos sentimos pelo rebento que vai nascer e que é fruto do amor que nos une. Temos fé que Deus no-lo dará (já deu!) na hora certa e que o acompanhará, fazendo dele um momento da nossa realidade familiar. Temos tido o nosso O GAIATO e, além das boas lições de humanidade que nos dá, temos oportunidade de matar saudades da Obra da Rua que se nos presentifica e nos vai fazendo a indicação do caminho a seguir na vida. Lemos, amorosamente, todas as mensagens que nos são familiares em aspectos íntimos daquilo que nos faz sermos pessoas.

Termino. Vou preparar as lições para dar aos meus alunos. Passo a vida a preparar-me para ser capaz de dar o melhor de mim aos Outros. Será isto o amor?

Desejo a toda a nossa Obra a continuação da preparação de gente válida. Que todos sejam semente que dará bons frutos nesta sociedade tão carente de valores. Um beijo destes filhos — Quim e Lina.»

Pai Américo afirmou que bastava salvar-se um só rapaz para a Obra da Rua valer. Valeu, pois, a pena. Se não houvesse mais, só estes dois valeriam as nossas Casas de África (e valem!).

■ Agora, este telegrama duma leitora de Coimbra: «Cada vez que leio O GAIATO,

é um momento de Graça que penetra no meu coração e me faz sentir necessidade de ajudar aqueles que nada têm; e dar do que possuo, que não é muito, mas me sobra.

Fiquei feliz ao saber que vão introduzir a causa de Beatificação de Pai Américo. Parece-me que a maior Graça que já alcançou de Deus é a sua Obra, pela qual deu toda a sua vida e é um milagre de Amor.»

■ Finalmente, a quarta. Veio do Presépio vivo, cravado numa encosta íngreme, que é a vila de Tabuaço. Dá contas de como o seu Pároco

e a comunidade cristã, todos os anos, junto do Altar, falam da nossa Obra e partilham conosco os seus dons. Dentro, um cheque de oitenta contos fruto da partilha e este pedido:

«Um homem morreu de desastre deixando mulher e cinco filhos que viviam do seu trabalho. A mulher resolveu ir para outra terra deixando os filhos, que vivem de esmolas e do roubo. Há dias, vi-os sentados junto à campa do pai, rotos e esfomeados e confesso que me arrepiei toda e senti remorsos por não ter feito o pedido.»

Sentados na campa do pai!  
Valem mais, no olhar de Deus, que todo o ouro do mundo!

Não podemos desperdiçar este tesouro.

Padre Telmo

## FACETAS de uma vida

Cont. da 3.ª pág.

Devido à diferença de idades e à circunstância de vivermos sempre em prefeituras diferentes, muito poucas palavras troquei com o Américo. As melhores informações que tenho dele recebi-as do meu cunhado, José A. de Miranda, que foi seu companheiro de prefeitura e suposto que também seu condiscípulo. Foi ele que me narrou o curioso episódio da «guerra do óculo», que se tornou depois conhecida de todos e aprovada com satisfação geral.

Porquê a «guerra do óculo» e em que consistiu?

Todos os quartos possuíam, mais ou menos à altura dos olhos, um «óculo» ou buraco pelo qual o prefeito observava o que se passava no quarto do aluno. Todas as portas eram fechadas à chave, por fora, por um ajudante de prefeito, depois de todos recolherem aos seus quartos. As chaves eram colocadas num ferro em S, à medida que ia fechando as portas. Na manhã seguinte, o mesmo ajudante de prefeito começava pelo outro lado do S a abrir as portas, começando pela mesma chave. De noite dizia: **Dominus vobiscum;** e o companheiro respondia do lado de dentro: **et cum spiritu tuo.** De manhã: **Benedicamus Domino;** e o companheiro respondia: **Deo gratias.**

Era este o ambiente de disciplina em que se vivia no Seminário de então, onde a frequência era muito grande nessa altura. Recordo-me de que éramos ao todo 160 seminaristas. A disciplina era necessária para manter ordem num conjunto tão grande de jovens e guardar um ambiente de recolhimento, de piedade e de vida espiritual. Discutia-se, porém, se aquele era o melhor processo de manter essa disciplina e de a tornar eficaz. Fosse como fosse, era assim que lá vivíamos.

Ora, quem conheceu o Padre

Américo e o seu convívio com ingleses e alemães, e o sentido de responsabilidade pessoal e de liberdade de agir em consequência da educação inglesa, pode imaginar o efeito que este sistema educativo e disciplinar podia causar no seu espírito.

Foi assim que ele decidiu fazer a chamada «guerra do óculo» para acabar com o buraco nas portas dos quartos dos alunos e abolir a vigilância quase policial. E conseguiu-o. Os seminaristas deviam-se habituar a conduzir-se com consciência, sem necessidade de fiscais ou de encostos de ninguém. Só assim se podem fazer verdadeiros homens, com adulez de espírito e rectidão de carácter. E, assim, com uma «guerra» pacífica mas cheia de ironia, de coragem e de humanidade, demoliu aquela muralha de hábitos antigos que tanto o chocava. E fê-lo, depois de exteriorizar bem a sua maneira de pensar a respeito, junto de colegas e superiores.

E foi afinal esse método de liberdade com responsabilidade que seguiu nas suas Casas do Gaiato, com a adopção do sistema de Porta Aberta. A disciplina obtém-se com a adesão voluntária ao sistema vigente nas Casas.

E não é só nas Casas do Gaiato. Quando o sr. Cardeal Cerejeira fez o Seminário dos Olivais, adoptou precisamente o mesmo sistema: nem óculos nem portas fechadas à chave. O Dr. Cerejeira de então, que era professor da Universidade de Coimbra e ia com frequência ao Seminário, sabia bem o

Quando naquele domingo de eleições os nossos rapazes, no início da celebração da Eucaristia, começaram a cantar «É tempo de ser esperança», o coração de toda a assembleia elevou-se nos mesmos sentimentos de louvor a Deus e todos pedimos a Sua Luz. Luz para iluminar a vida e os caminhos de todos num acto consciente e próprio dum povo cristão.

Na densa campanha escutámos a palavra esperança, mas muitas vezes ouvimo-la rodeada de sentimentos pagãos. Muitas palavras dirigidas a um povo cristão — despidas de Espírito — ecoavam como palavras e promessas vãs.

A força da nossa Esperança, Esperança dum povo cristão, tem de estar no Nome do Senhor. Foi assim que Pai Américo acreditou e fez: «A nossa Esperança está no Nome do Senhor que fez o Céu e a Terra». Ele e só Ele continua a fazer maravilhas. Os homens — especialmente os homens crentes e cristãos — só as farão iluminados pela Luz e em nome d'Ele.

Deu testemunho de fé aquele homem público que entrou na capela e rezou. Sentiu-se com mais coragem. As suas palavras tinham convicção de esperança.

Deram testemunho de esperança aqueles doentes e idosos que eu vi e que vieram de seus lares amparados por mãos, por bengalas, por outros meios e entravam na sala a entregar o seu voto — enquanto muitos de boa saúde ficaram acomodados no bem-estar de suas casas!

Queremos homens de esperança, esperança em que eles mesmos acreditem para que não seja esperança vã.

Padre Horácio

que se passava e conhecia o Américo e a sua história.

Manuel Rodrigues da Silva Veiga

P. S. — Recordo-me de o meu referido cunhado, um dia, lhe ter perguntado:

— Como é que o Padre Américo adquiriu esse seu estilo tão vivo, tão original, tão directo e tão enérgico?

Resposta dele:

— Lendo só Eça de Queiroz.

## Que fazer?!

Cont. da 1.ª pág.

— Que fazer quando o Tribunal de Menores nos pergunta, uma e outra vez, se podemos receber...?

— Que fazer quando olhamos para as cartas amontoadas em cima da mesa de trabalho a pedir resposta sem futuro...?

— Que fazer quando dizemos não...?

Um pequeno mais eu fomos levar um casal a casa, numa tarde de muita chuva. O marido trabalhava numa fábrica de lousas para os lados de Valongo. Agora, anda em tratamento de higiene mental consumindo grandes quantidades de comprimidos. Este casal tem três filhos e vivem juntos porque a casa não dá para mais. Não conseguimos descobrir a fonte donde vêm os meios para a sobrevivência.

— Que fazer?  
— Que fazer? Vou viver mais comprometido. Vou viver mais empenhado. Vou amar mais. Vou dar as mãos a todos os que estão dispostos a caminhar comigo. Apesar disso, a pergunta não desaparece. Mas não ficarei jamais só em lamentações. Continuarei a amar mais!

— Que fazer?  
Ontem, estive cá aquela mulher que deve 20.000\$00 na mercearia porque o marido está de cama, há muitos meses, e tem renda de casa, água e luz para pagar e os filhos para sustentar. — Que fazer?

Todos os dias esta pergunta marca presença. Cruzar os braços? Não! Lamentar apenas?

Não! Ficar angustiado? Não! Então? Amar mais! É que o amor é criativo. É capaz de fazer «milagres». Há todo um trabalho a fazer na linha da educação social que ainda não está feito. Há forças escondidas que é preciso pôr em acção. Só o amor é capaz de o fazer. Onde a pessoa capaz disso? Onde a comunidade empenhada, verdadeiramente empenhada em buscar soluções? Sim, aquelas soluções que estão ao seu alcance. Depois, vai-se pedir ajuda. Quando assim é — diz a experiência — o trabalho nunca fica sem resposta. Estou convencido de que muitos casos que vêm ter conosco podiam, em parte, ser resolvidos ali, onde vivem.

— Que fazer? Vamos retirar toda a carga de angústia que está nesta pergunta. Vamos pôr-lhe outra muito mais leve, de peso mais suave.

— Que fazer?! Vou viver mais comprometido. Vou viver mais empenhado. Vou amar mais. Vou dar as mãos a todos os que estão dispostos a caminhar comigo. Apesar disso, a pergunta não desaparece. Mas não ficarei jamais só em lamentações. Continuarei a amar mais!

Padre Manuel António



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel